

A Utilização dos Textos Epigráficos no Ensino da Língua Latina

*Amilcar Guerra**

Quando iniciei a minha licenciatura, em 1972, era corrente ouvir protestos mais ou menos generalizados contra os manuais que então eram usados nos liceus, para o ensino das línguas clássicas. Embora variando nalguns aspectos de pormenor, a crítica assentava fundamentalmente em dois aspectos: em primeiro lugar, no facto de se apresentarem apenas fragmentos, completamente desinseridos e não permitindo um verdadeiro conhecimento de autores ou obras determinadas; o segundo motivo, este mais chocante ainda, resultava de se fazer uma adaptação (os maiores críticos falavam em "cozinhado") dos textos originais, com base em determinados critérios que, no meio universitário, eram considerados pouco ortodoxos.

É fácil compreender que os autores das selectas usadas nos liceus, movidos por imperativos de natureza pedagógica e, simultaneamente, confrontados com os elementares conhecimentos dos alunos, procurassem "expurgar" os textos latinos de tudo aquilo que não fazia parte dos conteúdos programáticos já leccionados. Deste modo proporcionavam textos adaptados ao nível dos discentes, mesmo quando se encontravam apenas num nível de iniciação. Só que, dizia um professor mais inflamado pelo combate contra a adaptação, o que se obtem não é latim nem é nada. Os fins, mesmo que bons em si, não justificaram os meios.

É difícil, reconheça-se, resolver de uma forma irrepreensível este problema, embora, dada a diversidade de textos latinos, se possam encontrar respostas mais satisfatórias que aquelas que quase todos nós experimentámos. Algumas soluções passaram pela criação de textos fáceis, revelando situações típicas do quotidiano actual e denunciando uma clara intenção de aproximar o ensino do latim de qualquer língua moderna. Outros autores recriaram os ambientes sociais, políticos e familiares romanos, vividos por personagens que ao longo do manual se vão tornando cada vez mais conhecidos do aluno. Em todos os casos, textos de autores latinos só ocorrem numa fase mais avançada, quando nível de aprendizagem já permite resolver um leque muito diversificado de problemas.

Os meus interesses científicos e a minha actividade como docente de língua latina permitem-me apresentar aqui algumas sugestões neste domínio, com o

* Assistente do Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa. Investigador da UNIARQ (Unidade de Arqueologia) do CAH (Centro de Arqueologia e História).

objectivo confesso de contribuir para atenuar a falta de autenticidade da maioria dos exemplos usados na iniciação. Estou convencido que um importante contributo pode ser dado, com vantagens em diversos domínios, se forem utilizados alguns textos epigráficos.

Por força do nosso sistema de ensino, demasiado rígido, a maioria dos estudantes universitários que estuda a antiguidade clássica ou não tem a disciplina de Epigrafia Latina no seu *curriculum*, ou não desenvolveu posteriormente as potencialidades que esta matéria poderia proporcionar. O que impede a utilização do abundante espólio epigráfico com fins didácticos é, em primeiro lugar, a falta de tradição. Mas, num segundo plano, são as dificuldades de ordem prática – o acesso aos repertórios de textos a utilizar, as dificuldades de interpretação resultantes da falta de conhecimentos epigráficos básicos, as dificuldades em aproveitar a riqueza de natureza histórico-cultural que os documentos podem proporcionar, etc.

É a consciência destas limitações que me leva a referir algumas obras essenciais para a superação dos problemas enunciados. O que se segue constitui apenas uma sugestão que procura principalmente satisfazer as necessidades mais elementares que um professor pode sentir quando pretende recorrer à Epigrafia Latina com fins didácticos.

1. Os documentos

A mais completa recolha de epígrafes de todo o mundo romano é o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, obra monumental devida essencialmente ao labor germânico e que neste momento se encontra em fase de actualização. No nosso país, a colecção completa deste riquíssimo manancial de textos apenas se encontra, pelo que me dado saber, no Instituto Clássico André de Resende. Trata-se, pois, de um repertório que é de difícil acesso para quem não vive na cidade de Lisboa, ou nas imediações. No entanto, não é de modo nenhum imprescindível consultá-la para poder proporcionar uma antologia de significativas inscrições.

Temos, em primeiro lugar, que ter em consideração que seria de toda a conveniência que os exemplos escolhidos dissessem, o mais possível, respeito à realidade que nos são familiares e tivessem a ver com a nossa História Antiga. Há actualmente um importante conjunto de textos epigráficos que pode ser utilizado para os fins em vista e pode ser encontrado em obras mais acessíveis. Importaria, deste modo, que se escolhessem, em primeiro lugar, documentos provenientes do nosso território e, eventualmente, se completasse o quadro com outros do âmbito peninsular. Pode, a meu ver, considerar-se suficientemente diversificado e rico o panorama epigráfico desses territórios para responder às exigências acima enunciadas.

O volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL), cuja última actua-

lização geral completa este ano um século, embora se encontre em várias bibliotecas do país, geralmente especializadas, pode ser uma obra dispensável, sendo neste caso substituída por outras de menor dimensão, mas mais acessíveis. A maior recolha de epígrafes latinas actualmente disponível é a de J. VIVES (1977-78), que reúne cerca de 6800 textos seleccionados de entre as inscrições de toda a Península Ibérica. A riqueza de exemplos é, sem dúvida, por si só, uma qualidade assinalável e, por este motivo, se recomenda, apesar das inexactidões, omissões e gralhas que apresenta – são, por exemplo, muito imprecisas e frequentemente gralhadas as indicações de proveniência de boa parte das lápides provenientes do território português. No entanto, dados os fins em vista, parece-me que pode ser um repositório a utilizar sem grandes problemas.

A actualização do CIL, tarefa que tem empenhado os epigrafistas, deu lugar a algumas publicações que podem ser uma base importante para a recolha de exemplos. Praticamente toda a epigrafia do sul de Portugal se encontra hoje recolhida numa única publicação (ENCARNAÇÃO, 1984). Para além de apresentar uma descrição minuciosa dos monumentos e dos textos, a obra inclui um comentário sobre cada um deles e um estudo geral de todo o conjunto, que podem constituir bons elementos de apoio do professor.

Para além destas, encontram-se ainda várias recolhas de âmbito geográfico mais restrito, abrangendo seja colecções, seja o território de um município, ou apenas o seu núcleo. Lisboa conta, desde 1944, com um repertório epigráfico extenso, um vez que é o mais numeroso conjunto de um único núcleo urbano (SILVA, 1944). Do território da antiga *Olisipo* possuímos hoje também dois catálogos de colecções importantes: o de São Miguel de Odrinhas, Sintra (CARDOZO, 1956; LAMBRINO, 1952), e o do conjunto do Museu de Torres Vedras (MANTAS, 1982).

Uma das mais notáveis colecções de Portugal encontra-se no Museu Lapidar Egitanense, em Idanha-a-Velha. Existe um catálogo regional, publicado nos anos 50, que engloba a totalidade dos textos na altura recolhidos nesse templo (ALMEIDA, 1956). Os novos achados proporcionados por essa zona têm sido numerosos, mas encontram-se dispersos por um número elevado de publicações.

O núcleo epigráfico da antiga *Collipo* (provavelmente S. Sebastião do Freixo, Batalha) já foi estudado, num único trabalho da autoria de D. Domingos Pinho BRANDÃO (1972). A epigrafia da conhecida cidade de *Conimbriga*, embora se trate de um conjunto relativamente menos abundante que o de outras cidades romanas, é hoje acessível, constituindo o vol. II da obra *Fouilles de Conimbriga* (ÉTIENNE-FABRE-LÉVÊQUE, 1966). Encontra-se também editado um trabalho sobre os achados epigráficos da localidade do concelho de Oliveira do Hospital, Bobadela, sede municipal no período romano, um *corpus* interessante, apesar do reduzido número de inscrições (ANACLETO, 1981).

No norte de Portugal merece referência a recolha que abrange o antigo

território de *Aquae Flaviae* (Chaves), elaborada por A. RODRIGUEZ COLMENERO (1987–88), incluindo os achados de um vasto território em que se integram várias zonas actualmente espanholas. é de extraordinário interesse, não apenas pela quantidade dos textos recolhidos (mais de quinhentos), como pela diversidade e riqueza da informação histórico–epigráfica.

A colecção do Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, constituída principalmente por material originário do norte de Portugal, em especial das imediações daquela cidade minhota, encontra-se também publicada (CARDOZO, 1972).

Para além de publicações que se assumem como repertórios epigráficos, há aquelas que se dedicam ao desenvolvimento de determinados temas, baseando-se em boa parte nos dados das inscrições. A religião romana é, sem dúvida, o tema que mais frequentemente tem sido tratado, desde o célebre trabalho de José Leite de VASCONCELOS (1897–1913), o de ENCARNAÇÃO (1975) e, recentemente, uma recolha de toda a epigrafia portuguesa referente a divindades (GARCIA 1991).

São ainda acessíveis, em determinadas bibliotecas, algumas revistas que incluem uma importante componente de Epigrafia: *Revista de Guimarães, o Arqueólogo Português, Conimbriga*. Esta última edita um suplemento exclusivamente dedicado à publicação de novos achados ou de actualização de leituras – o *Ficheiro Epigráfico* – que inclui já um grande número de documentos, acompanhados de um breve comentário.

2. Exploração dos textos epigráficos.

De entre o abundante acervo documental que as obras citadas contém, existe uma diversidade enorme de textos, que se manifesta na sua extensão e complexidade, na sua natureza, nas dificuldades que podem colocar ou na quantidade e qualidade de informação histórico–cultural.

Por este motivo, os textos epigráficos apresentam algumas vantagens sobre as obras dos autores da literatura latina. Uma delas é precisamente a sua aplicação a todos os níveis de aprendizagem, mesmo ao de iniciação. Realmente, as inscrições mais simples consistem apenas no nome do defunto, apresentando-se este em diversos casos, normalmente no nominativo, genitivo ou dativo. A partir de aí é possível seleccionar uma grande diversidade de situações linguísticas, de forma a atender aos diferentes estádios da aprendizagem.

No entanto, a natureza dos textos exige que se tenham em consideração algumas especificidades e limitações que se impõem à utilização deste material:

a) De uma forma geral, os documentos epigráficos são frequentemente elípticos, dada a compreensível tendência para a redução do texto ao mínimo, motivada certamente não apenas por razões de ordem económica. Predominam os nomes de pessoas, rareando, conseqüentemente, as formas verbais que, muitas vezes, é

necessário subentender. Esta situação só se modifica drasticamente nos documentos de natureza jurídica, mas estes, para além de serem escassos, colocam, com frequência, problemas complexos.

b) As epígrafes são, duma forma geral, ricas em abreviaturas que importa conhecer. Uma vez que a comunicação suposta no monumento epigráfico é estereotipada, não oferece dificuldades, em princípio, a determinação do seu significado. Basta, para tal, a consulta de uma obra de introdução à disciplina, onde se encontrará a descodificação das mais correntes abreviaturas, resolvendo-se, por esta via, quase todas as situações de dúvida. Existem vários manuais de Epigrafia, entre os quais destacamos, por serem os mais acessíveis os que se destinam a uma simples iniciação, como o de ENCARNAÇÃO (1979) e BLOCH (1969) ou o clássico e mais completo CAGNAT (1914).

c) Para além de ser incorrecto, é muito difícil encontrar, apenas na documentação epigráfica, satisfação para todas as necessidades didácticas no âmbito do língua latina. Este tipo de instrumento, deve, por isso, considerar-se como complementar de outros, mantendo, sempre que possível, uma grande diversificação.

d) Para que o estudo dos *exempla* epigráficos não se limite ao contacto com os textos já transcritos, importa que, pelo menos uma vez, os alunos sejam levados a um local em que possam ser confrontados com os próprios monumentos. Existem hoje muitos museus, ainda que modestos, que possuem colecções epigráficas interessantes. Mas, caso seja possível, podem visitar-se aqueles cujo espólio epigráfico é particularmente rico ou significativo e se encontra geralmente disponível: o Museu de S. Miguel de Odrinhas (Sintra), o Museu Lapidar Egitanense (Idanha-a-Velha), o Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco), o Museu Municipal de Torres Vedras, O Museu Monográfico de Conimbriga, o Museu de Faro, o Museu de Chaves, o Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães), etc.. O mais rico de todos, o Museu Nacional de Arqueologia, em Belém, possuindo uma vastíssima colecção epigráfica, tem apenas uma pequena parte exposta, sendo necessário uma autorização especial para acesso ao abundante espólio em depósito.

3. Textos epigráficos e História Antiga

Mas as potencialidades oferecidas pelo recurso ao documentos epigráficos resultam, para além da sua vertente linguística, principalmente da riqueza no domínio cultural.

O ensino do latim que recordei como aluno parecia deliberadamente esquecer que o território português foi, durante muitos séculos, habitado por indivíduos que conheciam apenas aquela língua e adquiriram muitos outros hábitos típicos dos romanos; que os povos peninsulares foram, portanto, sujeitos da cultura latina, tão

importantes como muitos outros que as obras de autores clássicos imortalizaram.

Sobre a maioria deles não nos chegou qualquer notícia, mas, graças aos documentos epigráficos, podemos hoje identificar alguns nomes, indicações pessoais, referência a actos da sua vida, ainda que, de uma forma geral, sumariamente apresentados. Daqui ressalta a vantagem evidente de podermos falar de pessoas que conseguimos individualizar, de quem conhecemos pormenores da existência, que conseguimos associar a determinados actos.

Podemos, por esta via, descer à micro-história, à individualização, o que, se por um lado tem a desvantagem de apresentar casos isolados, tem, por outro, grandes potencialidades no domínio pedagógico e em certa forma de percepção da realidade histórica. Há, além do mais, a possibilidade de tratar de realidades que se associam ao mesmo espaço que hoje habitamos. Ganha-se, deste modo, a consciência da necessidade de conhecimento da própria história local, geralmente tão esquecida em todos níveis de ensino, incluindo o universitário.

Não há entre nós obras voltadas para uma aproximação à nossa História Antiga com base, à semelhança do que temos, por exemplo, para a realidade da Britânia (v. g. BURN, 1962). No entanto, esta lacuna pode, em parte ser colmatada pelo recurso a obras de carácter predominantemente histórico. Uma visão mais ou menos aprofundada e assente em fontes de natureza arqueológica, epigráfica e literária é hoje acessível através fundamentalmente de ALARCÃO, 1983, 1988 e ALARCÃO *et al.* 1990.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de 1983 – *Portugal romano*, 3.a ed., Verbo, Lisboa
- ALARCÃO, Jorge de 1988 – *O Domínio romano em Portugal*, Publicações Europa-América, Mem Martins
- ALARCÃO, Jorge de *et al.* 1990 – *Portugal das origens à romanização*, Ed. Presença, Lisboa
- ALMEIDA, Fernando de 1956 – *Egitânia*, Faculdade de Letras, Lisboa
- ANACLETO, Regina 1981 – *Bobadela epigráfica*, Epartur, Coimbra
- BLOCH, Raymond 1969 – *L'Épigraphie latine*, 4.a ed., P. U. F., Paris
- BRANDÃO, Domingos Pinho 1972 – *Epigrafia romana coliponense*, in "Conimbriga", 11, pp. 41–152
- BURN, A. R. 1969 – *The Romans in Britain. An anthology of inscriptions*, 2.a ed., Basil Blackwell & Mott, Oxford
- CAGNAT, René 1914 – *Cours d'Épigraphie Latine*, 4.a ed., Fontemoing et C.ie, Paris
- CARDOZO, Mário 1956 – *Catálogo das inscrições lapidares do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, Câmara Municipal, Sintra
- CARDOZO, Mário 1972 – *Catálogo do Museu de Martins Sarmiento. Secção de Epigrafia Latina e Escultura Antiga*, 2.a ed., Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães

- ENCARNAÇÃO, José de 1975 – *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa
- ENCARNAÇÃO, José de 1979 – *Introdução ao estudo da Epigrafia Latina*, Institutos de Arqueologia e de História da Arte, Coimbra
- ENCARNAÇÃO, José de 1984 – *Inscrições romanas do conuentus Pacensis*, Instituto de Arqueologia, Coimbra
- ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges; LÉVÊQUE, Pierre 1969 – *Fouilles de Conimbriga, II. Epigraphie et sculpture*, Dif. de Boccard, Paris
- GARCIA, José Manuel 1991 – *Religiões antigas de Portugal*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa
- RODRIGUEZ COLMENERO, Antonio 1987–88 – *Aquae Flaviae, I. Fontes epigráficas*, 2 vol., Câmara Municipal, Chaves
- SILVA, Augusto Vieira da 1944 – *Epigrafia de Olisipo*, Câmara Municipal, Lisboa
- VASCONCELOS, José Leite de 1897–1913 – *Religiões da Lusitania*, 3 vol., Imprensa Nacional, Lisboa
- VIVES, José 1971–72 – *Inscripciones latinas de la España romana*, 2 vol., Universidad de Barcelona/CSIC, Barcelona.